

## EXPEDIENTE.

Concordamos em quasi tudo com o Sr. F. M. L.: mas certas rasões nos vedam publicarmos por enquanto a sua carta. Deixemos viver tambem os charlatães. Se a Providencia os poz n'este mundo para alguma coisa foi.

O Sr. L. da outra banda, accitendo os nossos agradecimentos, dispensar-nos-ha de estamparmos a sua missiva: não conhecemos o folheto a que allude, mas conhecemos, *intus et in cute*, os tolos que o fiseram: nem merecem a honra de ser chufeados.

O soneto á honradez de etc. fica esperando, por termos na nossa pasta uma grande quantidade de outras poesias que chegaram primeiro, e ser n'esta redacção preceito invariavel, para poupar offensas a melindrosos, o não fasermos já mais preterições no dar á luz obras d'estas, salvo quando alguma poderosa rasão a isso nos constranja.

## CONHECIMENTOS UTEIS.

## AGUAS THERMAES, MONUMENTOS ANTIGOS E ARVOREDOS.

3081 « CONSTA-NOS que o Sr. João Elias tem visitado os differentes estabelecimentos d'aguas thermaes do seu districto, e que se tem empenhado em vencer as difficuldades que chegaram a tornal-os quasi desertos; entre os mais celebres, o das caldas do Gerez.

Este estabelecimento, que no tempo do Sr. D. João V foi mui frequentado pela energica virtude de suas aguas, já então conhecidas de nacionaes e estrangeiros, acaba de ser melhorado, graças aos esforços do providente governador civil, que, havendo visitado e inspeccionado o estabelecimento, fez proceder ao concerto da estrada e das pontes dos rios Caldo e Cávado, e o tornou accessivel aos viajantes e aos doentes.

Pede a justiça que se dê á junta geral do districto a parte, que lhe cabe, do merecido louvor, pelo patriótico auxilio que deu ao governador civil, ministrando-lhe os meios precisos para aquellas obras.

As aguas são limpidas, sem cheiro, nem sabor desagradavel, e teem o credito de mui energicas e salutaes.

O Sr. João Elias, conhecedor das riquezas historicas d'aquella provincia, não é menos diligente em descobrir-lhe os monumentos, em fazel-os conhecidos, e em sollicitar a sua conservação.

Sabemos tambem que se tem applicado a promover a plantação de arvores, e a fazer conhecer as vantagens que a nossa industria poderia tirar do emprego do teixo que alli abunda, e que offerece excellente madeira para os mais bellos moveis e artefactos de marcenaria.

Se os differentes corpos administrativos electivos do districto, apreciando a vantagem de terem um tal chefe, lhe prestarem a devida coadjuvação, é de crer que a provincia do Minho chegue em breve ao alto grau de prosperidade que lhe desejamos.

*Extracto do Diario do Governo de 20 de junho.*

## MAFRA, E SEU GRANDE EDIFICIO, E TAPADA.

3082 No n.º 4, artigo 47 da Revista de 27 de janeiro de 1842, se apresentou um projecto de encurtar a estrada de Cintra a Mafra, evitando fazer uma legua de caminho, o que em más estradas é grande

JUNHO — 27 — 1844.

utilidade. A ponte, que n'aquelle projecto se pertendia, se não se poder fazer, gastando tanto quanto em outro tempo foi orçada, talvez possa por intervenção da camara d'aquella villa custar menos. SS. MM. como mais interessadas em melhorar esta estrada, para gosarem o grande edificio de Mafra, e utilizarem a grande tapada, seriam porventura os primeiros em concorrer para esta obra, cujas utilidades eram mencionadas n'aquelle projecto.

Não é porém só isto o que se deve pedir a SS. MM., mas tambem que façam abrir uma estrada pelo meio da tapada na direcção do norte, para communicar com facilidade as povoações do norte com as do sul, e tornar mais faceis, e baratos todos os transportes. Na verdade é excessivamente incommodo e dispendioso o trânsito ao norte e sul de Mafra, porque tem de se fazer um rodeio pelo sul, ou pelo norte, costeando a tapada, para se ir ás povoações do norte ou do nascente de Mafra, tendo de rodear-se uma legua e mais para se viajar em muitas direcções. El-rei tem dado gratuitamente por certo numero d'annos porções da tapada; por isso é de esperar que S. M. conceda aos povos um beneficio de maior valia, que é abrir uma estrada pelo meio da tapada, que vá na direcção do Gradil, ou visinhanças. A tapada não fica com esta estrada menos valiosa; antes augmentará de valor, porque em toda a parte onde ha uma facil communicação juncto de uma propriedade, esta val muiço mais, do que outras que a não possuem.

Esta estrada é tambem muito necessaria para dar vida á amortecida Mafra, que el-rei quer animar, sendo o melhor meio, o dar-lhe boas vias de communicação. Hoje que el-rei deu de renda terras da tapada, parece natural que facilite a entrada aos lavradores, que devem andar constantemente transitando por dentro d'ella; por isso é necessario que tenham communicações para os pontos mais povoados, que são os do norte, em cuja direcção se deve abrir a estrada. A tapada não se deteriora com a nova estrada, porque o que n'ella se produz, existe tambem fóra em outras propriedades que não teem muros, nem são guardadas. Além d'isto por serem tantos os rendeiros interessados na cultura do terreno, e pelo respeito devido a S. M., ninguem se atreverá a invadir a tapada nas beiras da estrada, que até são pela maior parte montes incultos. Esperamos que SS. MM. se interessarão na formação de duas communicações de tanta utilidade. B.

*Postoque atrazadas appareçam, teem as seguintes observações bastante interesse e doutrina para deverem ser bem recebidas, e entrarem com direito n'esta parte dos acontecimentos uteis.*

## RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DE 4 DE ABRIL DE 1844.

3083 TEMPERATURA média das madrugadas 51°,8 F. — dicta nas horas de maior calor 70°,4 — dicta média do mez 61,1 — maior variação diaria, a 27 do mez, 27° — variação média diaria 18°,6 — maior frio a 3 do mez, 46° — maior calor a 15 do mez, 79° — menor altura do barometro, no 1.º do mez, 753,6 millimetros — maior dicta a 7 do mez, 753,5 — média do mez, 758 millimetros, reduzida á temperatura de 61°.

Ventos dominantes, contados em meios dias — N, 3

—NO, 16—O, 1—SO, 6—S, 1—NE, 18—E, 2—SE, 5—V, 5—B, 3—*Estado da atmosphera.*  
—Dias claros 12, claros e nuvens 5—cobertos 6—cobertos e claros, 2—chuva, inclusive 3 de brandos chuviscos, 5—dias de frio notavel, 3—de calor 6—ventosos 9—nevoeiro 1—chuva recolhida em todo o mez 29 millimetros, equivalentes a pouco mais de 8 e meio almudes por braça quadrada, ou apenas metade da que costuma cair regularmente n'este mez, e portanto foi mui escasso de aguas.

As *quadras dominantes* foram 5, não se contando a que predominou desde o 1.<sup>o</sup> do mez até 4 pois que foi a continuação da ultima do antecedente mez; e portanto a 1.<sup>a</sup> de 5 dias tepidos na temperatura de 56°, céu quasi sempre claro, ar secco, ventos rijos e variaveis de NE a NO, e o barometro elevado: a 2.<sup>a</sup> de 3 dias com a temperatura 2 graus mais elevada, ar secco, sol ardente, céu claro, ventos variaveis de NE a NO, continuando elevado o barometro: a 3.<sup>a</sup> de 8 dias calmosos, subindo a temperatura a 65°, sol ardente, ar muito secco, céu claro, ventos constantes do NE, ou bonanças, descendo o barometro no 3.<sup>o</sup> dia: a 4.<sup>a</sup> de 4 dias na temperatura de 62°, em geral frescos, ar secco, ventos fracos e variaveis do NE a SE, céu coberto, e um dia de chuva abundante, permanecendo pouco elevado o barometro: a 5.<sup>a</sup> e ultima de 6 dias com a mesma temperatura da antecedente, ar secco, ventos fracos e variaveis do N, a SO, e o céu quasi sempre claro, seguindo-se do complexo d'estes phenomenos que este mez decorreu mais quente do que regularmente lhe competia, com um excesso de 3 e meio gráus, ar secco e pouco chuvoso, augmentando o grande deficit de agua dos mezes antecedentes; porém as pequenas chuvas, que caíram, foram assaz proveitosas ás plantas, muito mais por não serem acompanhadas de ventos rijos.

*Phenomenos notaveis.* — Em 17 do mez houve forte tremor na ilha de S. Thomé (nas Antilhas), o qual segundo a sua direcção parece que devia sentir-se em outras ilhas de barlavento. A seccura, que tem predominado este inverno e parte da primavera no continente europeu, foi extensiva ao americano. Nas *Barbadas*, na ilha de *Cuba*, e em outros grupos das *Antilhas* reinava grande seccura, o que cauzava muita escacez de viveres, sendo assaz notavel a presença d'esta calamidade em sitios onde caem as chuvas em torrentes, quasi todos os mezes do anno. — O mesmo acontecia no Rio de Janeiro, e em outros pontos da costa do Brazil. N'aquella cidade a falta de agua potavel augmentava diariamente.

*Noticias agricolas.* A constituição predominante do mez foi mui favoravel ao desinvolvimento de toda a vegetação, e á florescencia das arvores fructiferas. As chuvas brandas ainda que escassas, que caíram suavemente prestaram sufficiente nutrição ás plantas, sem que os fortes abalos de ventanias sacudissem as suas flores, não apparecendo os desabridos aguaceiros do noroeste, quasi sempre acompanhados de granisos que despedaçam e crestam os fructos nascentes. Os trigos, principalmente os temporões, as cevadas e forragens continuaram com bom aspecto, especialmente os que foram mondados a tempo, pois que as chuvas de março desinvolveram grande cópia de hervas ruins, que a falta de chuvas no inverno tiveram occultas. Os favaes pouco prosperaram, sendo geral-

mente atacados pelo moarilhão; porém os ervilhaes bons, e sem a mella a que são sujeitos. Os pomares de espinho e caroço agradavelmente viçosos e cobertos de abundantes e odoriferas flores; recêando-se porém que a falta de agua para regas lhe fosse assaz nociva no futuro estio, pois os mananciaes estavam ha muito diminutos: as arvores silvestres igualmente viçosas, e em pleno desinvolvimento de vegetação.

O illustre correspondente de Mafra, a quem somos devedores das interessantes noticias agricolas que referimos, tratando do estado das vinhas, esclarecia este objecto com reflexões tão sensatas, que nos parece fazer um util serviço aos proprietarios de tão precioso producto, transcrevendo-as quasi litteralmente.

Nota este sabio agronomo, que uma das maiores contrariedades a que as vinhas estão sujeitas, e que por toda a parte se vae desenvolvendo com espantoso incremento, é sem dúvida a terrivel praga do *Pulgão*, insecto fatal e gerador de outra praga a *Lagarta*: que a não ser atalhada na sua origem, o seu desenvolvimento, levado quasi a uma multiplicação infinita, destroe a uva no seu estado de cernir, queima as folhas, e aniquilla até as varas, que no anno seguinte deviam produzir os cachos, mutilando assim de um só golpe duas novidades, ou diminuindo-as muito, e fazendo perder ao proprietario, por uma ommissão, a despeza feita com os trabalhos que deviam habilital-o para uma boa vindima.

Parece pois que perseguir os pulgões, geradores da lagarta devoradora, devia ser o objecto da mais constante solitudine dos proprietarios das vinhas, que elles acommetem: são raras porém as pessoas que façam em termos esta diligencia, reservando-se antes para lagartal-as depois da desovação fecundissima d'aquelles propagadores da praga; e quando algum mais intendido manda fazer a apanha do pulgão, cuja operação se consegue facilmente, collocando um funil de barro em um saquinho, e procedendo á apanha pela madrugada emquanto ha orvalho nas cepeiras, serviço mui barato feito por mulheres ou rapazes que corram e catem as vinhas, vê o seu trabalho quasi sempre perdido por nova invasão d'aquelles insectos allados que vão da dos vizinhos, se estes lá não fazem outro tanto; e por isso justo parece que tão interessante assumpto fosse vigiado pelas auctoridades administrativas e municipaes: assim como não se permitir que as folhas, tiradas das vinhas com lagartas, se lançassem perto das mesmas á sóta, como se pratica; porém que se queimassem ou enterrassem, porque as lagartas fazem d'alli a sua metamorphose para pulgão, e voltam para as vinhas a reproduzirem-se, ainda que mais tarde, para no anno seguinte apparecerem aos milhões: e os proprietarios ignorantes vão de mal e peor com esta praga, até com grande prejuizo do thesoiro, diminuindo-se consideravelmente o imposto do subsidio litterario.

Mencionaremos por esta occasião outra especie de praga, que, em duas épocas differentes, perseguem as cearas; a saber os passaros damninhos de bico redondo, como pardaes, trigueirões, chamarizes, pintarroxos, etc., e as calhandras e cotovias, os quaes todos fazem os maiores estragos nas sementeiras dos trigos e cevadas, principalmente ao engreecer das espigas, pelo que muito conviria fazer reviver a anti-

ga postura das camaras, que obrigavam a cada um dos lavradores a apresentar em certas épocas algumas duzias de cabeças de semelhantes passaros damnhos, o que muito minorava a sua propagação e os prejuizos.

Ainda que em geral a agricultura do termo de Mafra se conserva estacionaria, e por toda a parte rotineira: ao contrario ella tem tido notavel incremento, com novos arroteamentos, variações de sementeiras, e criação de gados, no novo estabelecimento rural, que vae prosperando na real tapada, sustentado por Suas Magestades com esmero, que até para alli mandaram remetter dois formosos e finos cavallos inteiros de que a rainha de Inglaterra fez presente aos mesmos Augustos Senhores, e serão optimos para paes em nova caudellaria crusadas as raças com as excellentes eguas que alli existem de Alter do chão; e depois suas crias, ainda tornadas a crusar com a raça arabe, poderão produzir outros cavallos, bellos, fortes, e ligeiros, que nada deixem que desejar; e nutridos com os abundantes pastos dos prados artificiaes alli preparados pelo habil e activo intendente das reaes cavalharices Antonio Severino Alves, a quem está confiada a direcção d'aquelle novo e tão interessante estabelecimento, é de esperar que se apure uma raça de cavallos de reputação europea, se depois se forem distribuindo pelo reino caudellarias bem reguladas. — Tambem alli o crusamento, das melhores raças do paiz com toiro da Asia tem produzido bellas e forçosas crias: e da mesma fórma o gado lanigero de fóra do reino com o indigeno alli existem, e se veem todos os arranjos ruraes na melhor ordem, os caminhos bordados de novas arvores, e tudo vivificado com as regas dos abundantes depositos d'agua aproveitados ou preparados para esse fim pelo intelligente director, segundo as instrucções de seu augustamo, e as regras theoricas de uma verdadeira casa rustica modelo.

*Necrologia* de Lisboa e Belem. — N'este mez foram sepultados 554 cadaveres, sendo 279 do sexo masculino, 275 feminino; maiores 419, e menores 135. Na totalidade se compreendem 246 fallecidos nos hospitaes e misericordia d'esta cidade. Segue-se pois que ainda n'este mez appareceu um excesso de 22 obitos sobre o numero normal, deduzido do quinquennio antecedente, o que prova a notavel diminuição na mortalidade extraordinaria acontecida nos mezes decorridos, e que tantas victimas arrebatou desde octubro passado.

M. M. Franzini.

#### CIPÓ DE CHUMBO.

(Carta.)

3084 CONSTANDO-ME que alguns facultativos desejavam muito conhecer o nome botanico do cipó de chumbo, e vendo agora o artigo 3061 do seu jornal, me lembrei communicar-lhe d'esta fórma o seu nome para, á vista d'elle, se poder melhor fazer qualquer analyse ou descripção: — CUSCUTA UMBELLATA — *Runth.*

Vem nas Viagens de Martins: vol. 1.º, cap. 2.º, pag. 186, impressas em Munich, em 1823.

De V. etc. \*

#### MORTILHA DE RATOS.

(Carta.)

3085 PARTICIPO-LHE o resultado que obtive da re-

ceita para matar os ratos impressa ha tempos na sua folha, para que os seus leitores, tendo um especifico tão certo, não recorram a outros meios, de que tão frequentemente se abusa para suicidios e homicidios, como pelo seu mesmo jornal temos visto. Mandei cozer quatro onças de Scilla ou cebola albarrã em vinte e quatro de agua e deitei-lhe cinco onças de milho em grão: ferveu tudo até ficar oito onças de liquido: coei, sequei o milho e lancei-o nas paragens sabidas dos ratos; pondo-lhe ao pé agua para beberem se a sede os tentasse. O effeito foi o melhor que eu podia desejar.

De V. etc.

José Joaquim Lopes da Silva.

Praticante da botica do hospital civil de S. João Marcos.

#### NOVO DESCOBRIMENTO DE ILLUMINAÇÃO.

3086 MM. Bousson-Dumaurier, e Rouen apresentaram á academia das sciencias de Paris um processo de illuminação tão novo como simples pela essencia de schisto, de carvão de pedra, e de terebintina que podem ser empregados segundo os auctores, sem misturas alcoholicas.

O aparelho consiste n'um tubo curvo, tendo um grande cano, que termina por um vacuo, que serve de reservatorio: e outro tubo pequeno, que vem estreitando no fim, e que conduz a saída do vapor. Adapta-se á extremidade do tubo pequeno, que conduz o gaz a uma chaminé de metal, na qual a inflamação se intretem de tal maneira, que a producção da chamma azul, e pouco clara, fica involvida n'esta chaminé para aquecer, e conservar a evaporação; enquanto o prolongamento da chamma, pela parte de fóra, dá uma luz muito viva. Tapando a extremidade superior d'esta chaminé, e circulando-a de buracos de 2, a 4 millimetros, o gaz escapando-se por esta especie de crivo produz uma luz do feitio d'uma corôa muito regular. A combustão assim dividida é mais demorada, e menos ruidosa.

A qualidade da chamma torna-se muito notavel; e sua intensidade equival á do gaz oleificante.

Além do interesse scientifico, acresce ainda mais, que a invenção dá um resultado economico de muita importancia, e vem a ser, que pelo mesmo preço teriamos 4 vezes tanta luz como com gaz, e seis vezes tanta como com o oleo commum.

Á vista d'isto esperamos que as auctoridades competentes hajam de resolver alguma coisa sobre um objecto, em que ainda estamos tão atrasados.

Isidoro José Gonçalves.

#### VARIÉDADES.

#### COMMEMORAÇÕES.

S. PEDRO.

29 DE JUNHO.

3087 MUITO haveria que dizer sobre S. Pedro, e coisas talvez não descabidas hoje, que o velho e descalço pescador do mar de Tiberiade vê quererem lhe roubar até a barca os pescadores ricos e soberbos da Inglaterra, a quem depois de renegarem a Christo

Nunca mais tornou a cantar o gallo; mas porque não faltam entre nós individuos, ainda para baixo de protestantes, que estão de candeias ás avessas com tudo quanto cheira a assumpto religioso, e logo lhe chamam doutrina christã, como quem lhe atira uma chufa de deitar a baixo, deixaremos muito quieto ás portas do céu S. Pedro mais as suas chaves, e em Roma o seu successor mais a sua cadeira; lembrar-nos-hemos só do seu mar e dos seus peixes.

Assim como S. João é o sancto da terra, pelo seu cordeiro o bemquisto das aldéas, pelas suas alcachofras o confidente dos namorados, pelas suas capellas de fructa o amigo dos meninos e de todos, assim S. Pedro é o patrono dos mares, que não tem menos poesia do que as terras e o sancto mais vezes nomeado, até nas pragas, pelos pescadores. Nas povoações de taboa e feno, onde vivem por toda a longa e marulhosa costa d'este reino estes lavradores e mineiros das vagas, não ha em toda a roda do anno dia solemne como este. Cada choça tem o seu baile em que entram os velhos como os rapazes, as avós como as netas: para estes bailes de S. Pedro se poupa todo o anno: n'elles se ajustam os casamentos para remate de amores, que n'elles tambem muitas vezes tinham nascido. — ; Que vá lá um philosopho pregar-lhes, que deitem n'esse dia ao mar o seu barco repintado da vespera, e que ao som das ondas está dormindo no areal, em quanto os filhinhos de seus donos saltam brincando por cima d'elle! ; que lhe diga que é superstição condemnada pela economia politica o perder 24 horas de pescaria, e ter por 24 horas improductivo o capital das suas redes! Diga-lh'o embora; mas seja fóra do alcance do remo; porque enquanto os srs. philosophos em trôco das alegrias, que ao povo procuram empalmar, lhe não derem equivalente, má venida hão-de ter na sua missão de fanatismo economico-politico.

#### MAGNIFICENCIA DO TEMPLO E FESTA DE S. PEDRO EM ROMA.

3088 Em todos os paizes catholicos se celebra com grande solemnidade a festa do glorioso Principe dos Apostolos, S. Pedro. Por uma parte, os ecclesiasticos com rasão se consideram debaixo da particular protecção d'aquelle, a quem Jesu Christo constituiu pastor dos pastores do seu rebanho, supremo jerarcha da sua igreja, principe e chefe do novo sacerdocio da lei da graça. Por outra parte, os pescadores, esta de safortunada e interessante porção dos habitadores dos paizes que tem uma porção do seu territorio rodeado das aguas do mar, não podem deixar de professar especial devoção para com um sancto que exerceu o seu trabalhoso e arriscado mister: — até o chamamento do divino enviado o arrancou ás barcas e redes do mar da Galilea para o fazer *pescador dos homens*, e para depois lhe confiar (usando da figura empregada pelos seus Sanctos Padres) a direcção da typica barca da sua igreja. Em geral, sem distincção de classes nem de profissões, todos os fleis catholicos tributam a S. Pedro culto muito especial, e consideram a sua festa como uma das grandes solemnidades do anno. Tão radicada está, desde tempos antiquissimos, a profunda veneração de todos os christãos para com a sagrada pessoa do primeiro vigario de Jesu Christo, que na igreja russa, se bem que involvida no scisma oriental, se festeja com pompa verdadeiramente extraordi-

naria a memoria d'este maximo dos Apostolos, empregando os russos, em seus *Euchologios*, expressões tão significativas em abono da sua superioridade sobre os demais membros do apostolado, que são impossiveis de conciliar com o erro que os gregos, que a si mesmos se denominam *orthodoxos*, lhes hão communicado, de não reconhecerem o primado de honra e de jurisdicção que, por direito divino, compete aos bispos de Roma na sua qualidade de successores de S. Pedro.

Mas onde no culto d'este sancto se ostenta maior magnificencia e pompa mais augusta a todos os respeitos, é sem duvida em Roma, onde elle padeceu glorioso martyrio, e onde até hoje se conserva o precioso thesoiro de suas reliquias.

Com effeito a celeberrima cidade, que fóra por tantos seculos o centro do polytheismo, não se esqueceu, nem se esquece de que á escolha, que d'ella fez o Principe dos Apostolos para ahi assentar definitivamente a sua cadeira, deve todo o seu lustre moderno e a gloria de ser ainda hoje, postoque debaixo de outro aspecto, o que outr'ora havia sido, *metrópole do mundo*.

Ninguem ignora que a Basilica Vaticana, dedicada ao primeiro bispo da *cidade eterna*, excede em dimensões e sumptuosidade a todos os templos que existem sobre a terra, deixando muito apóz si o de S. Paulo de Londres, a Sé de Milão; e a antiga igreja de S. Sophia de Constantinopla. hoje a maior de todas as mesquitas. Tambem entre os templos antigos nenhum lhe poderia disputar a primazia, sem exceptuar o de Epheso, e o mesmo templo de Salomão, de que a Escriptura e Josepho Hebreu contam tantas maravilhas. Só no colossal das dimensões lhe levariam vantagem alguns templos egypcios, principalmente o do Sul de Karnac; e em profusão de metaes preciosos alguns pagodes da India; mas nem uns nem outros d'estes monumentos podem ser comparados com a Basilica de S. Pedro em gôsto artistico, e na perfeição e riqueza de suas decorações.

E' igualmente sabido que na construcção, e ornato d'esta obra prima de architectura moderna, se gastaram tres seculos, e que para ella contribuíram os fleis de todos os estados da Europa, subindo a despesa só até o anno de 1694 (em que o cardeal Fontana as calculou) á enorme somma de 94 milhões de cruzados, que corresponde a mais de 120 milhões no valor actual do dinheiro.

Emquanto aos festejos, com que se celebra em Roma a commemoração de S. Pedro e do seu collega no apostolado S. Paulo, basta mencionar a illuminação da frontaria da Basilica Vaticana nas noites de 28 e 29 de junho, e o fogo de artificio lançado do castello de S. Angelo nas mesmas duas noites. Imagine-se o magico effeito que deve produzir, toda illuminada, aquella immensa frontaria que tem 539 palmos de largura e de altura 232: e além d'isso a desmesurada cúpula, cuja altura desde o pavimento até á sua extremidade superior sobe a 563 palmos, igualmente illuminada com archotes e lanternas! Nem é no seu genero menos curioso espectáculo o bellissimo fogo de artificio, chamado a *girandola*, com que nas mesmas noites se honra a memoria dos dois sanctos fundadores da grandesa e lustre da moderna Roma. No castello de S. Angelo, antigamente Mausoleu de Adriano é que se dá á população da cidade e aos in-

numeraveis estrangeiros que alli concorrem por esta occasião, o magnifico divertimento d'este fogo de artificio onde se esgotam todos os apuros da *pyrotechnia* junctamente com duas successivas descargas de foguetes, cada uma d'ellas de cinco mil ao mesmo tempo! Assim os romanos de hoje ainda podem dizer com verdade a alguns resdeitos!

*Cuncta Romanæ cedant miracula terræ!*

A. J. Viali.

### A MOIRA DE SANCTA LUZIA.

(TRADICÇÃO DA MINHA TERRA.)

1.º

Vendo-se d'ella apartado  
Lamentou a sua dôr  
Nascida de seu cuidado:  
Hia-se pelos vallados  
Suspirando pelos montes  
Os tempos que eram passados,  
Sens olhos tornados fontes,  
Todo cheio de cuidados.

— Bernardim Ribeiro. — Ecloga Quina.

### 3089 « Bom fadario, máu fadario

« Minha estrella me fadou,  
« Bôa sina em conhecel-a,  
« Ruim, que longe me vou.

« Às bravas serras do Algarve  
« Vou-me agora a guerrear;  
« ; Sem n'a ver dentro de um anno!  
« ; Um anno sempre a penar!

« Ai triste de minha sorte,  
« Triste de mim, ; que farei?  
« Que sua lindeza d'anjo  
« Tão cedo não gozarei.

« ; Ai, que tempos que passaram,  
« Ai, que vida que eu levava,  
« Que Villancetes, que trovas  
« Por esta terra eu cantava!

« Que caçadas que eu fazia  
« Co'o nobre falcão em punho,  
« Ao derredor de seus paços  
« Por alvoradas de junho.

« Ai, triste da minha sorte  
« Que sem um anno findar  
« Não lhe ouvirei suas fallas,  
« Feiticeiras de matar.

« Vou-me por hi de longada  
« Mas cá me fica a vontade  
« Captiva de seu quebranto,  
« Bem captiva de verdade.

Os olhos ao mar deitando  
Dom Vivaldo assim rimava,  
E encontra a montanha erguida  
Manso e manso os levantava.

Dom Vivaldo a Compostella,  
Fôra, e vinha de romeiro  
De donosa romaria,  
Que era gentil cavalleiro.

Cêrca do *atrio* do Lima (\*)

Alguns dias de pousada  
Repousára do caminho  
A brilhante cavalgada;

E por valles entrementes  
Os cavalleiros donzeis,  
Ou por montes discorriam  
Em seus briosos corceis.

Ao raiar da madrugada  
No dia de S. João,  
A passeio dom Vivaldo  
Fôra, por negro condão;

Co'os dourados acicates  
O ginete espicaçava,  
E para espaldar do peito  
A tristeza que levava,

Pa cantando comsigo,  
; E que doce era o cantar!  
« Verdes arvores do Minho,  
« Que aqui estais á beira-mar....»

Eis que pára embevecido  
Ao subir pela assomada,  
Que aventára coisa rara,  
Tão rara, como estremada.

Assentada n'um rochedo  
Viu donzella mui louçã;  
Nunca víra dom Vivaldo  
Tão formosa castellã.

Finas per'las arraiavam  
Suas madeixas lustrosas,  
Olhos negros, alvas faces  
Lindas, lindas de mimosas.

Vestia rico brocado  
Barvado de pedraria,  
Que do sol co'os raios claros  
Como acceso reluzia.

Mal que víra o cavalleiro  
Foi com pejo virginal  
A fugir para seus paços,  
Que eram feitos de crystal;

Mas traz d'ella dom Vivaldo  
A correr dizia assim:  
« Morto sou, que déste mate  
« N'este peito; ha dó de mim.»

— «Tua serei se me juras  
« Alma e corpo me entregar,  
« Se juras que d'hoje a um anno  
« Me has de vir aqui fallar.—

« Juro ser teu; serás, minha »  
Disse o donzel « corpo d'oiro;  
« Aqui voltarei por ver-te  
« Em que me custe um thesoiro.

(\*) Segundo o que tenho podido colher das escassas noticias, que a este respeito nos ficaram por ahi manuscriptas, chamavam — *atrio* ou *atrium* — á planicie, em que juncto da foz do Lima se estendia a nascente e pequena villa de Viana, antes que elrei D. Affonso III lhe concedesse o foral, e muitas honras e privilegios, com o que, dentro em pouco, começou a florecer, e augmentar-se, e se fez uma das mais commerciaes, opulentas e formosas de Portugal.

« D'hoje a um anno ! . . . » — « d'hoje a um anno » —  
Ella repete e abalou  
Para os paços ; dom Vivaldo  
Como varado ficou.

; Mal de ti ; que a conheceste,  
Pobre infância esforçado !  
; Mal de ti que de seus olhos  
Ficaste assim captivado !

; Mal de ti que é força partas  
Ao Algarve a batalhar !  
; Mal de ti . se findo um anno  
Te lembras de cá voltar !

## 2.º

. . . . aquelle grande alvoroço  
D'Alâbor que á guerra chama,  
Leva o velho , leva o moço ,  
Que entrã primeiro em destroço.  
*Sá de Miranda. — Carta a Antonio Pereyra.*

; Alarma por S. Thiago !  
; Guerreiros , real , real !  
; Alarma contra os descridos !  
; S. Thiago e Portugal !

Grita rija d'este modo  
Pelo campo se accendia ,  
E contra Silves mourisca  
O christão se apercebia.

Dom Payo Peres Correia  
Jurára Silves de entrar ,  
Nunca o mestre as suas juras  
Sohia de quebrantar.

Atabales se tangiam ,  
Os ginetes relinchavam ,  
Os guerreiros portuguezes  
Seus escudos abraçavam.

Brilham as lanças polidas ,  
E os montantes desnudados ,  
Ondeam co'o vento as plumas  
E os balsões variegados.

Cavalleiros cavalgando  
Seus ginetes ; os peões ;  
Anadeis com bizzaria  
Ordenando os batalhões ,

Todos prestes aguardavam  
A monção de pelejar ,  
Todos porfiam primeiros  
Sangue infiel derramar.

O nobre mestre dom Payo ,  
Fazendo o signal da cruz ,  
Brada : « ; cerra , ó portuguezes ,  
« Por nosso rei , por Jesus !

« ; Cerra , cerra ! S. Thiago !  
« E fé na Virgem Maria ,  
« Que haveremos bom barato  
« D'estes cães da mouraria ! »

« A matar ! » clamaram todos ;  
Trava a lucta de roldão ;  
Allah ! — bradam musulmanos ,  
Brada por — Christo — o christão.

; Oh ! que tanger de trombetas !  
Que vozes de arremetter !  
Montes , serras , algarvias  
Tudo parece tremer.

Cortadoras cemitarras  
Já se cruzam co'os montantes ,  
Duras lançadas se embebem  
Por entranhas palpitantes.

Ferem fogo as cutiladas  
Pelos almafres lusidos .  
Jorra o sangue fumegando  
Pelos elmos já fendidos :

; Qual fiel jaz bi sem vida ,  
Qual jaz sem vida infiel !  
Sem alfaráz , agareno ,  
! Sem cavalleiro , corcel !

Mais se atêa a lide e a morte ,  
Mais vae lavrando o combate ,  
Mas nos do mestre a victoria  
Já n'alma lhes dá rebate.

Vencem grossas barbacãs ,  
Vencem merloens mui bastidos ,  
Que de valor e ardimento  
Levam animos fornidos.

São do muro a cavalleiro ,  
Vão moiros a retirar ,  
Vão com grandes alaridos  
Sua perda a apregoar.

Pelos eirados se occultam  
Por huscar a salvação ;  
Lá mesmo são degolados  
Que era um dó do coração.

Veem-se a monte os cadaveres ,  
O sangue a terra empapar ,  
Silves , côrte dos Algarves ,  
É qual triste almocabar.

Almonsor Aben Afan  
É já sem reino e sem vida ;  
Já na alcaçova fluctua  
Lusa bandeira garrida.

Sete padres revestidos  
Cantam *Te Deum* festival  
Na mesquita do propheta ,  
Hoje matriz principal.

Pelas ruas danças , voltas ;  
; Lá no Alcacer que alegria !  
E dom Payo agradecido  
Rezava á Virgem Maria.

; Mas onde vae dom Vivaldo  
Nobre e leal infância ,  
Que de sobra no combate  
Deu visos de capitão ?

; Dom Vivaldo que o primeiro  
Muros de Silves trepou ,  
E que a sina portugueza  
Na moira torre hasteou ;

Dom Vivaldo que em tristeza  
Sempre andou a suspirar ,  
Dês que veio , ha quasi um anno ,  
Do Atrio de á beira-mar.

¿ Onde vae apercebido  
Como de paz e de guerra?  
Só elle o sabe, mas longe  
Vae por certo, a longe terra.

3.º

.... E's possible  
Que un efecto tan terrible  
Tiene por padre al amor!

*D. Luiz de Gongora.* — *Las firmesas*  
de Isabella.

Corre a noite mui estrellada,  
Corre o Lima a murmurar  
Com suas aguas de prata,  
Em que o vento anda a brincar.

Morrem nos echos saudosos  
Mui alegrados cantares,  
Chamma de acceso pinheiro  
Viva se espraia nos ares.

S. João tão milagroso  
N'esta noite se festeja:  
S. João, sancto garrido,  
Nossas almas nos proteja.

Hoje tomam-se orvalhadas  
Que lavam negra tristura,  
Hoje é noite de folgança  
Noite de paz e ventura.

¿ Que sorrisos tão contentes  
Que votos de bem-querer  
Entre moços e donzellas  
Por hi se estão a fazer!

¿ Oh!... quem será que atravessa  
Por meio d'essa folia  
Assim vestido de preto  
Com figura tão sombria!

¿ Quem será? quem não será?  
É cavalleiro e brioso,  
Que em seu ginete cavalga  
Mui bem posto e primoroso.

Luz debaixo da almocella  
Seu capacete lustrado,  
Luz-lhe por entre o pelote  
Gibão de aço recamado.

N'alma cuidado lhe punge  
Grão cuidado e tormentoso:  
Al não leva no sentido  
Que o mister cavalleiroso.

Vei-lo que galga açodado  
Por essa montanha acima,  
Que sobranceira campêa  
Juncto á foz do brando Lima.

Como um céu aberto, brilha  
O palacio de crystal,  
Mas ha hi-vista mais bella  
Que algo tem de angelical.

Ha donzella que pentêa  
Com barriera doirada  
A sua negra madeixa  
Pelo cóllo desatada.

Quem víra tal galhardia  
A'luz da lua formosa  
Dera a vida a todo o trance  
Na liça mais porfiosa.

Enlevado o cavalleiro  
Mal a viu, descavalgou;  
Tirou pelote e almocella  
Todo armado se mostrou.

— « Dom Vivaldo! dom Vivaldo! —  
Dissé a donzella, e voou  
Para o gentil cavalleiro,  
Que nos braços a apertou.

« Tu és minha; ó mui formosa,  
« Que minha juraste ser;  
« Minha serás... » dom Vivaldo  
Era louco de prazer.

— « Dom Vivaldo, eu serei tua  
« Toda-la vida, que assi,  
« És fiel, faz hoje um anno,  
« Que te partiste d'aqui;

« Jura de novo adorar-me,  
» Jura de novo ser meu. » —  
« Juro de novo adorar-te,  
« Juro de novo ser teu. »

— « Em que deixes fama e gloria... —  
« Tudo deixo por te amar. »  
— « Então sobe a meu palacio,  
« Que nos vamos a cazar. » —

Entram nos paços; de subito  
A meia noite soou,  
Eis senão quando horroroso  
Longo trovão retumbou.

Paços, dama e cavalleiro  
Tudo alli desapareceu:  
Era moira essa donzella  
Que a dom Vivaldo perdeu!

Em fatal encantamento  
Jazem ambos sepultados  
Em minas d'oiro e de prata,  
Té que se finem seus fados.

Mas é fama que apparecem  
Em noites de S. João,  
Ao pino da meia noite  
Por encantado condão,

Sobre as rochas da montanha  
Da Virgem Sancta Luzia,  
A seccar barras doiradas,  
E brilhante pedraria.

*A. Pereira da Cunha.*

#### A NOITE DE S. JOÃO.

3090 Se houveramos a imaginação feliz do mais fecundo dos dramaturgos franceses, descreveríamos um passeio em que fossemos dando conta, um por um de todos os festejos populares, que tão devotamente se fazem por essa cidade e além-rio, na noite de S. João em honra e louvor do seu bemdicto nome, apesar de não termos ido mais longe de nossa caza do que ao theatro da Rua dos Condes, assim como o elegan-

te escriptor das impressões de viagem as escreverem sem sair do seu quarto, ao que nos parece na rua *Pelletier* n.º 16; infelizmente, porém, romances nunca os engendrámos (nem o diabo nos metta tal na cabeça, porque é fazienda que ruim fede mais que a pelle d'elle), e dramas atrapalhámos apenas uns tres quando começámos a engatinhar pelas letras, que o menos que lhes falta é o nome d'auctor que os recomende. Ora já se vê que só por milagre de S. João poderíamos descrever sem vermos os seus festejos, e mais tivemos as melhores intenções de o fazer o mais capazmente que podessemos, e haviamol-o promettido com toda a boa-fé.

Mas que ha-de ser! o céu toldava-se, o vento soltou-se, a chuva caía. . . . . a noite estava tão pouco devota! Fomos para a Rua dos Condes a deixar passar o mau tempo, e a Sr.ª Emilia enfeitiçou-nos de tal modo com o *Retrato vivo*, que não houve resistir-lhe. Prendeu-nos magicamente com o condão d'Armida, e ficámos magnetisados que nem somnambulo tocado pela varinha de Mesmer ao som de voluptuosa harmonia. Nem a lembrança da *Praça da Figueira*, com seus palmitos, fructas, e flôres, e suas danças camponesas vistosas de grinaldas, trascalando a vinho; nem a do jardim do Sr. Caldas com os seus abençoado vimes,

— Que, em louvor de S. João,  
Tornam o menino são,  
Passando de mão em mão  
De Maria para João;

nem as folias que iam por essa *Praça de D. Pedro*, bordada de taboleiros de bolaxa, illuminados pelas pequeninas lanternas que simelham em distancia lampejante vagalume, e d'onde a espaço sibilla o desafinado falsete convidando á *bolaxinha-dóce*; nem os estrondos dos estridulos foguetes que luciferiam ao longe na devota Almada, por onde mascarado semsabor se pavonêa embriagado. . . . . nada houve tão poderoso que nos podesse quebrar o encantamento: presos pelo beijo lá ficámos até ao fim, enlevados na propriedade da engraçada actriz, e saboreando o chistoso da peça até á realidade do seu desfecho. Não nos parecia noite de S. João, tivemol-a como se para nós só fôra feita.

E todavia foi um desacerto, uma grande irreverencia — de que muito nos arrependemos — e fique isto aqui só com os leitores da *Revista* — mais ninguém o saiba. — ; Que se diria de nós? Cairiamos de certo (e era bem feito) no desagrado de nossas amaveis patricias. Tão seductoras como são debaixo d'este céu meridional, meigas como é tepido o ambiente que aspiram, nem uma aleachofra queimarmos por ellas! nem crestarmos á fogueira sancta um raminho d'herva-piñeira! Nunca mais lhes viriamos o omnipotente sorriso a brincar-lhe nos labios, nem os penetrantes olhos a volverem-se para nós! Ellas, coitadinhas, que tão feticceiras em sua candura, estavam ao relento da noite fria pelo bater de hora fatidica, guardando na bócca a agua predestinada, todas attentas e cheias de fé a escutarem o primeiro nome (e quantas ouviriam o de José!) que as auras lhes trouxessem a bafejar-lhes os ouvidos! Foi uma ingratitude — uma horrenda ingratitude. — Que o não saibam ellas. . . . .

Em penitencia d'esta culpa, que tão sem culpa

commettemos; desde já fazemos voto a S. João de lhe dedicarmos para o anno vinte e quatro horas de piedosa romaria por áquem e além do Tejo: e havemos de nos desobrigar. . . . .

Se ainda fôr moda escrever os mysterios de tudo, e fazer de tudo mysterios, escreveremos nós tambem os *mysterios da noite de S. João*, e não hão-de ser mysterios de mysterios como os de Londres, S. Petersburgo, e Madrid, fervendo em torpesas, vaporando horrores, hão-de ser a singella narração do piedoso folgar do povo, n'um culto innocente que elle formou e mantém em suas candidas crenças; chamem-lhe embora superstição ou loucura esses *sabios illuminados* que querem fazer o povo philosopho, sem verem o para que estão olhando — que o viver do povo não é como o d'elles. . . . .

Emquanto porém essa occasião não chega, diremos como vinhamos tristes por essas ruas lamentando a sua escuridão, apenas interrompida d'espaco a espaco pelo frouxo reverbero do gothico lampião. Nós que ainda alcançámos o tempo, em que as estridentes barricadas d'alcatrão formavam divertidas fogueiras, que, disseminadas pelas encostas e baixas da cidade dos septe-montes, davam de si ao longe magestosa mostra n'um horisonte de fogo, que de sobre elevado ponto nada mais bello poderia ver-se. Temos saudades d'essa vista singular. E o povo contente brincava em roda d'essas fogueiras, tão esquecido de sua laboriosa vida, que chegava da si proprio a esquecer-se para entregar-se todo a folganças que herdára com o sangue de seus paes.

; Pobre povo! com o escarpello das reformas têm-n'o anatomizado como quem disseca um cadaver até ver-lhe os ossos, e depois de tornado em esqueleto vedam-lhe a luz para que nao veja o seu arcabouço! ; Coitado do povo! *nem pão nem divertimentos!* ; Que mal ia em que elle risse e se folgasse muito lá de sua alma emtorno d'uma lavareda? Espantam-se os rabões do repimpado que trota em carruagem inglesa atirando-lhe com lama ao rosto. . . . . atemorisa-se a comprida horsa do soberbo que o atropella. . . . ; pois por causa d'esses Cresos que comem do povo, e a quem o povo faz grandes, não ha de brincar o povo? Ora, que andem a pé, sequer uma só noite, mas que não seja senão como pratica hygienica para bem da sua saude.

Silva Leal.

## NOTICIAS.

### PASSAR PELO VIME.

3091 Não faltámos á cerimonia, que haviamos anunciado, se faria na quinta do Sr. *Caldas Aulete*. Houve alguma concorrencia de curiosos e curiosas e não faltaram mães com meninos quebrados. A Maria e o João fizeram o seu dever com toda a consciencia. Os vimes ficaram muito bem e ritualmente untados com o competente mel de enxame novo e atados segundo a regra; mas faltou a presença do dono da quinta, que não era o menos desejado da funcção: e essa falta nos haveria deixado inteiramente ás escuras, sem fogueira, nem fogo de vistas, se dois dos concorrentes não tivessem tido a precaução de levar archotes.

Esperamos que para o anno o nosso excellente



amigo não deixará de *farer as honras* dos seus vimeiros aos devotos e curiosos que lh'os forem visitar; até para impedir n'este innocente costume uma circumstancia que póde não o ser, e que muito nos repugnou, e é o pôrem nus empelle aquelles corpinhos tenros e doentes ao relento da noite: tanto importa passar pelo vime nu como vestido. As mães podem levar o mesmo grau de consolação para casa sem que os filhos levem além da rotura um defluxo.

#### IMPORTANTE RESTITUIÇÃO Á PATRIA E ÁS LETTRAS.

3092 POR cima de todas as fuscas e passageiras paixões politicas, brilham para nós immutavel o interesse da publica instrucção, interêsse ás vezes desconhecido ou desattendido pelos fanaticos de todas as librés, mas unica verdadeira necessidade de todos os tempos; — damos pois á nossa terra os parabens de se achar enfim restituído a ella; para sempre, o Exm.<sup>o</sup> Sr. Lobo, bispo de Vizeu, profundo philologo, ornamento da nossa academia e geralmente respeitado pelos estudiosos. O descanço, que a sua velhice torna a encontrar n'estes tão seus costumados ares da mocidade, promette ainda á historia e lettras patrias novos serviços, não menos valiosos, que as ricas memorias por S. Ex.<sup>a</sup> escriptas á cerca de alguns principaes classicos portuguezes. S. Ex.<sup>a</sup> veio de Italia por Inglaterra, desembarcando aqui do paquete de Londres a 19.

#### A JOVEN SYLPHIDE.

(Carta.)

3093 « Com quanto ainda não possa contar dois lustros e meio de idade, nem por isso meu pensar de criança se nega a receber grato e tributar do coração por tantos elogios quaes os que a imprensa periodica me ha feito meus sinceros agradecimentos. — Nascida em um solo tão benefico e abençoado quem, Sr. redactor, não vegetaria, mormente sendo acari-ciada por zelosos agricultores?

Conheço-me Sr. redactor — na minha idade dizem-me, que é felicidade — eis porque não posso nem mais um instante guardar silencio ácerca do que tão vulgar se ha tornado. — *La Cracovienne* dançada no real theatro de S. Carlos por madame Mabile; por tal arte me enthusiasou que em meus sonhos de infancia projectei *reproduzil-a* em beneficio de minha mae. — Foi talvez o que me deu força para ir á vante em tão gigantesco projecto! Gratidão ao ente a quem devo a vida! Sim e foi isto tambem o que por certo me grangeou tão subidos elogios — tão subida estima qual a que me consagram meus compatriotas.

Não tenho habilidade — confesso-o, tenho desejos e muitos de me tornar não só util a mim mas á Patria! — Nasci prtugueza, Sr. redactor — não desmentirei o meu solo — tão poético e rico de enthusiasmo. De a ver concebi os ligeiros passos da *Sylphide estrangeira* — De niuguem tive lições — deo-me forças o pensamento — deo-me azas a minha *Lisia!* E voei!

Rogo a V, o obsequio de dar publicidade a estas minhas linhas as quaes não procurei alindar, mesmo porque o não sei a fim de que para com esse publico que tanto me affaga e a quem tanto devo, reconheça os sinceros sentimentos que me animam a

seu respeito, e que são tão do coração quanto eu sou d'elle

Verdadeira amiga  
Judith Rugalli. »

#### UM ACTO EPISCOPAL.

3094 « No DIA 3 de junho pelo meio dia, visitou S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. bispo d'esta diocese (Porto) o hospital da sua Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Foi recebido pela mesa da dicta ordem, que o esperava á entrada do hospital, e d'alli foi em direitura á capella onde está o Santissimo Sacramento fazer oração. »

« Depois visitou S. Ex.<sup>a</sup> as enfermarias dos doentes, entrevados e entrevadas, e com todos conversou, dirigindo-lhes expressões de consolação, e animando-os nos seus padecimentos; descançou um pouco de tempo na secretaria do dicto hospital conversando com os mesarios, e examinando tudo com aquella affabilidade que tanto o caracteriza; dirigiu-se á cosinha, e d'alli passou á casa onde se reparte o jantar, e assistiu á divisão do mesmo. S. Ex.<sup>a</sup> se retirou pela uma hora e meia da tarde, tributando á mesa os elogios, e agradecimentos pela honrosa recepção, e pelo aceio e boa ordem em que tem o hospital. »

« Os doentes ficaram penhorados pela affabilidade de S. Ex.<sup>a</sup>, e á maior parte d'elles arrebutaram dos olhos lagrimas de alegria. A mesa tambem ficou muito satisfeita, bemdizendo a Providencia por ter entre si um tão digno irmão.

Tanto na entrada como na saída de S. Ex.<sup>a</sup> subiram ao ar girandolas de foguetes.

*Periodico dos Pobres no Porto.*

#### LEVANTAMENTO DE INTERDICTO.

3095 DOMINGO 16 teve lugar na freguezia de Mathosinhos o acto solemne do levantamento do interdicto; como se havia annunciado. S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. bispo da diocese saiu do Paço Episcopal ás 8 horas da manhã em uma sege, e em mais quatro iam os conegos José Narciso, Mena, Rocha Pinto, e Passos Pimentel; foram tambem varios membros da camara ecclesiastica. O prestito era esperado a pouca distancia de Mathosinhos pelo presidente e camara municipal, administrador e recebedor do concelho, e mais empregados, e grande numero de povo, a quem S. Ex.<sup>a</sup> lançou a bençam. Chegado o illustre prelado, e tendo feito oração em uma capella onde estava o Santissimo Sacramento, foi em procissão debaixo do pallio á igreja matriz, e procedeu ás ceremonias que a igreja prescreve para semelhantes actos interiores e exteriores.

*Periodico dos Pobres no Porto.*

#### MATAR SEM CRIME.

3096 No supremo conselho de justiça militar, em sessão de 4 de julho foi sentenciado um soldado de infantaria n.<sup>o</sup> 6, accusado de haver ferido com balla a um almocreve, em acção de se deffender a si e a seu camarada, que jasia ferido e contuso pelos almocreves, a quem pertendia alugar uma cavalgadura. O conselho de guerra absolveu o accusado, declarando illibado o seu comportamento, por praticar um acto de valor, salvando a vida a seu camarada. O

supremo conselho confirmou a sentença da primeira instancia. Foi defendido pelo nosso excellentissimo amigo o Dr. Antonio José Ferreira de Carvalho.

#### COINCIDENCIA SINGULAR.

3097 Como se fôra pequeno raio para uma casa a morte quasi simultanea de pae e mãe, e tal pae e tal mãe como o Exm.<sup>o</sup> casal, cuja perda lamentamos no artigo 3072; quasi logo depois d'elles, a 8 d'este mez, expira tambem o seu filho primogenito, chamado do nome de seu pae, José Maria de Mello e Lima Falcão.

#### A NOVA SAPHO.

3098 LÊ-SE no *Patriota* de 21: — « Na travessa do Judeu ao Poço Novo mora uma rapariga que não é feia, e tinha seu amante; succedendo arrufar-se com elle, intendeu dever passar a melhor vida, lançando-se da janella abaixo para o conseguir. O salto teve logar hontem pela uma hora da tarde, mas a infeliz só quebrou um braço e as duas pernas. O romancismo faz progressos! »

#### NECROLOGIO.

##### ERNESTO BIESTER.

3099 « Em 23 de maio de 1844 perdeu a patria um d'aquelles varões, em que os annos da humanidade não abundam: passou a melhor vida o Sr. Biester, nascido em Portugal, onde deixou saudade perpetua a seus numerosos amigos, inextinguivel pezar a sua terna esposa, e indeleveis recordações de seu patriotismo, e philosophia verdadeiramente pia.

Tendo vivido sempre com exemplar modestia, muito áquem de sua fortuna, testou um funeral, apenas acompanhado pelos seus caixeiros, para que depois de morto não incomodasse os seus amigos, que na vida tanto presára: se elles, como succedeu, concorreram ao alto dos Prazeres, foi mero acto de sua cordialidade, porque o convite para esse fim se achava testamentariamente prohibido.

O Sr. Biester, votado desde mui tenra idade aos actos beneficis, exerceu-os sempre que teve occasião: nada para elle estava em primeiro logar; e infancia desvalida, e illustração de ambos os sexos em toda a sua vida lhe mereceram incansavel attenção: esteio constante de todos os desgraçados, cuja noticia lhe chegava, empregou grande parte do seu haver em soccorros ao infortunio: foi summamente urbano, leal, e liso nas transacções do tracto mercantil, em que girava; affavel para todas as classes de individuos, e dotado de inabalavel serenidade nos transes desagradaveis, que a todos alguma vez se deparam. Feliz será a nossa patria, se mais, e muitas copias lhe apparecem d'aquelle modelo eximio. »

*Diario do Governo.*

#### CAVAR A PROPRIA SEPULTURA.

3100 LÊ-SE nos *Pobres do Porto*: — « Dois pobres e desvalidos jornaleiros pae e filho, sustentados com o suor de seu rosto, continuavam um das passadas madrugadas da primavera no seu

trabalho de tirar barro d'uma mina das visinhanças da cidade; a excavação ía longa, parecia antes que andavam cavando a sua sepultura, do que tractando de ganhar seu unico sustento; alguém houve que os avisou do perigo, mas surdos foram a seus avisos, continuaram até horas de almoço, em que a mina alluindo-se os sepultou debaixo de suas ruinas! . . . no dia seguinte na capella de Sancto Adrião, caminho da Falperra, o sacerdote encommendava dois cadaveres, que momentos depois foram entregues á sepultura religiosa. »

#### SACKILEGIO.

3101 A EGREJA parochial da *Aricera* foi a 22 de maio ultimo accommettida de ladrões; que arrombando o telhado da casa da fabrica, passando d'ella para a sacristia, e arrombando-lhe a porta para o templo, d'elle furtaram a custodia, a cruz processional, dois calices e patenas, e dois ciborios, tudo de prata, deixando esparsas no altar as sagradas fórmulas. Fugiram pela porta da igreja deixando-a cerrada.

O correspondente, que isto nos relata, recommenda que se ponham sobre aviso os ourives, para que se lhes lá forem alfaias, deem parte ás auctoridades a ver se se descobrem os criminosos.

#### PELA VIGESSIMA VEZ MORTO.

3102 Já principia de ser de véras muito curiosa a questão da morte ou vida do D. Sebastião dos pharmaceuticos, morte e vida tantas vezes affirmada e negada n'esta folha por correspondentes de muito credito. Graças ao Sr. *Lazaro Joaquim de Sousa Pereira* tinhamol-o vivo ha alguns tempos: hoje, por carta do Sr. *Bernardo Antonio Cardoso Machado* novamente o temos defuncto: e adduz o Sr. *Machado* este argumento ao (qual pressupposto o muito credito do seu auctor) não sentimos resposta: —

« Quem póde melhor saber — diz elle — se o boti-  
« cario *João de Almeida* morreu ou não; — é o Sr.  
« *Lazaro*, que nunca talvez o visse, ou eu que fal-  
« lava com elle todos os dias! Se houvesse ainda  
« irmãs *Marthas*, que alcançassem do Salvador o tor-  
« nar-lhes os irmãos á vida — accrescenta elle — não  
« digo nada; podia ter saído da sepultura e escripto  
« quantas cartas posthumas elle quizesse: mas assim  
« está debaixo dos torrões tão certo, como nós por  
« ora andamos por cima d'elles. »

#### LOUCURA FUNESTA.

3103 UMA mulher, já de dias, criada de servir ha muitos annos em uma casa titular d'esta corte, havia tomado tanto a peito a morte de sua ama, que a melancolia negra, que d'ella se apoderou em logar de se lhe ir com o tempo enfraquecendo, se lhe foi aggravando a olhos vista. Sobreveio-lhe porém a perda de uma irmã ou parenta, que de todo a acabou de a desconcertar: desconfianças de todos e de tudo, e continuos terrores vagos a ficaram senhoreando de dia e noite até domingo, 16, em cuja manhã abrindo a janella do seu quarto, se arremessou para a rua, onde instantaneamente expirou.

**CAUTELLA COM AS PIPAS.**

3104 HONTEM de tarde no caes de villa Nova, indo um homem com uma pipa ás costas a pousar em cima de um muro, mas tropeçando elle em umas taboas, a pipa virou-se-lhe por cima da cabeça, e o infeliz em um momento tinha deixado de viver.

*Periodico dos Pobres no Porto de 21 de junho.*

**SUICIDIO.**

3105 « SABBADO 8 desapareceu um barqueiro da alfandega, por nome Carlos: como ha dias andava melancolico, temeu-se que se tivesse suicidado, lançando-se ao rio; com effeito hontem as aguas do rio lançaram á praia o cadaver assaz inchado d'este infeliz. »

*P. dos Pobres no Porto.*

**CUIDADO COM FOGUEIRAS.**

3106 HONTEM de tarde andando uns pequenos a fazer uma fogueira em uma loja na praça dos Ferradores, o fogo se communicou a varios utensilios da casa, mas com promptidão foi apagado pelos moradores da casa e vizinhos, sem que fosse preciso que as torres dessem o signal do costume.

*Periodico dos Pobres no Porto de 21 de junho.*

**TEMPESTADE EM ARREIRO.**

3107 « No dia 11 do corrente ás 7 horas da tarde uma medonha e devastadora trovoadá anniquilou em meia hora pão, vinho, azeite, e hortas, não só n'esta villa, mas principalmente nos lugares dos Condessaes, Abrunheda, e Sobreira; era tal a força do vento que arremecendo uma copiosa chuva de pedra, de 3 e 4 onças de peso e algumas maiores, tudo cortou, e em 24 horas as vinhas e recovos que aformoseavam com sua verdura, appareceram sêccas, e as oliveiras sem fructo, e quebradas!!

*P. dos Pobres no Porto.*

**TEMPESTADE EM BRAGA.**

3108 ESCRIVEM de Braga ao Periodico dos Pobres no Porto o seguinte: —

« Dias de insoffrivel calor tinham abrasado a cidade de Braga, densas nuvens se aglomeravam no seu horisonte, os relampagos fusilavam ao longe, tudo ameaçava tremendas trovoadas; com o fresco porém da noite diminuia a electricidade do ar: hontem de tarde (16) as nuvens se apinhoaram sobre a cidade, o trovão roncou de uma maneira assustadora e uma faisca de raio veio cair nas vizinhanças do Carmo, hospital militar; apoz ella violentos tufões de vento revolvendo a poeira das ruas, e dos campos levantaram nuvens abrasadoras, que por longo tempo involveram, e abrasaram a cidade; os tufões continuaram até á madrugada, revolvendo os telhados, e arrancando arvores, queimando as vinhas e milhos, e produzindo outros innumeraveis estragos; a noite tornou-se ainda mais medonha, o vento apagou a maior parte dos lampiões, uma escuridão mortal co-

briu a cidade, a qual era involvida nas trévas, e nuvens de poeira! »

**TEMPESTADE NO PORTO.**

3109 COPIAMOS do Periodico dos Pobres n'aquella cidade o seguinte: —

« Hontem 20 do corrente presenciamos um phenomeno que assustou muitas pesseas, que gradualmente o foram observando. Ao pôr do sol, começou o horisonte a tomar cor tão esvaída, que parecia um amarello palha. O reflexo d'esse horisonte, contrastando com o negrume que para o sul se começou de carregar, fazia uma medonha vista. Assim durou por espaço de 10 minutos.

No momento mesmo em que o sol se mergulhou de todo, e que se pôde reputar o instante de transicção para o crepuseculo, levantou-se tal furacão de vento que, vindo correndo de norte a sul, cubriu o Porto de poeira, a ponto de que foi preciso que quem andava pela rua, de repente se recolhesse aos portaes que encontrava para abrigo. As arvores dos quintaes e de Massarello vergaram e estalaram, e ao passar o furacão impetuoso do vento, appareceu o ar fuzilando amiudadamente.

Passados 5 minutos, o ar recobrou a sua serenidade, e sómente continuou o relampejar sem trovão até pela noite adiante. O susto no momento do furacão foi geral: nas Fontainhas, Batalha, rua de Santo Antonio, Praça de D. Pedro e rua dos Clerigos era tão forte a chuva de poeira, que se não pôde transitar durante alguns minutos sem tapar os olhos. Em algumas casas caíram os quadros das paredes, e em outras se receou ser tremor de terra, pondo-se de joelhos as mulheres; mas como foi rapido o phenomeno e como correndo, depressa serenaram os animos.

Passada meia hora, alguns trovões ao longe foram ouvidos; mas não se aproximou a trovoadá da cidade, e uma chuva miuda refrescou a atmosphera, que todo o dia fóra ardentissima. »

**TEMPESTADE EM LISBOA.**

3110 QUINTA-FEIRA, 20 do corrente presenciou esta cidade, o mais apparatuso phenomeno natural que nunca seus moradores tinham visto.

Já o ensuado dos precedentes dias trazia em muitos animos desconfianças de algum desfecho extraordinario de temporal ou terremoto: as molestias, diziam os medicos, terem crescido na razão de 1 para 10 havia uma semana. O tempo corria secco: o céu era limpo de nuvens.

Entre as 7 e 8 horas da tarde d'este dia o céu se acastella de grossas nuvens, que parecem cercar por todos os lados a cidade, excepto uma pequena aberta para noroeste.

Cerrou-se repentinamente a noite, e uma trovoadá, composta de trovoadas sem conto, começa de fusilar em todas as montanhas e torres d'este fantastico assedio

Relampagos, claros como a luz meridiana, se engranzavam uns nos outros, se encontravam de oppostas partes, se confundiam e sommavam em um: houve-os que duraram 15 segundos; descortinando-se en-

tretanto a povoação como em dia pleno. Os trovões, que a principio se não ouviam, começaram de approximar-se e crescer até que as suas bombardadas vieram retumbar por cima de nossas cabeças com tão valente estampido que as vidraças e paredes se estremeciam. Os raios serpeavam como listas de fogo em dois, tres, e quatro pontos do horisontel ao mesmo tempo; n'um momento, um arco de fogo rodeou o céu, dando simultaneamente de toda a sua extensão uma quantidade de raios perpendiculares á terra.

Por uma larga hora durou no seu auge este espectáculo, cujo exito se não podia calcular e cujo sublime poder de fascinação era por isso mesmo mais energico.

Bello en si bella vista anco è l'horror

È di mezzo la tema esce il diletto.

Os ventos contrarios e furiosos, que tinham vindo acarretando todo este cahos ethereo para cima da cidade, luctavam sob elle, e bramiam revoltos em todas as direcções: felizmente quando menos se esperava todo o espaço do céu se desatou em chuva com que o mais urgente perigo dentro em pouco se desvaneceu; os ventos abrandaram, e os relampagos e trovões que ainda continuaram até volta das tres horas depois da meia noite, se foram progressivamente alongando, e sumindo para o sudoeste pela immensidade do espaço.

Falla-se de um grande numero de raios, caidos em diversos sitios, no rio e n'uma e n'outra margem d'elle; mas até ao presente não nos constou ainda que produzissem desastre algum.

#### UM HOMEM INCOMBUSTIVEL.

3111 S. ANTONIO, que, segundo todos sabem, não foi S. Domingos, já comtudo na sua festa d'este anno sendo, sem o querer, auctor de um *auto-de-fé*.

Era um dos procuradores da dicta festa na villa do Sobral de Monte Agraço um proprietario por nome *Manuel Affonso*. Propuséra este aos collegas como coisa facil, e com cuja execução elle correria, o arranjar-se por 19\$200 réis uma banda de musica para tornar o dia mais estrondoso; os collegas não lhe responderam, e foram ajustar o instrumental por 26\$400 réis. Queixou-se: — altercaram. Não obstante contribuiu para a solemnidade com 1\$200 réis.

Na vespera á noite estava-se no arrayal á espera do fogo de vistas; *Affonso* e dois amigos seus conversavam junctos. O rapasío impaciente de ver começar a arder e estoirar um grande boneco, que no meio do terreiro se via espetado n'um páu e que havia de ser o remate do divertimento e o trophéu do fogueteiro, o rapasío, para ajudar a passar o tempo com um bom sainete, lembrou-se de dar ao boneco um nome e este nome foi o de *Manuel Affonso*. O homem, a quem este genero de celebridade e as risotas do seu inesperado triumpho (imagine-se qualquer no seu logar) desagradaram muito, ardeu como o poderia fazer o proprio boneco, separou-se dos amigos, e chegou-se disfarçado para o pé do poste, em cujo cimo se estava veudo. O fogueteiro n'este comenos reparando, em que faltava alguma coisa no seu monumento, tinha-lhe arrumado uma escada e

subido a tomar em braços a estatua: redescendeu com ella, e já se apparelhava para a concertar, quando *Affonso*, pediudo-lh'a por um momento, para examinar mais miudamente a delicadeza com que era feita, e, recebendo-a das mãos do mestre, se abalou com ella, correndo como um foguete pela villa fóra, caminho de sua casa, com grande admiração dos seus amigos e espectadores e escandalo gravissimo dos rapazes. A ancia de se desfazer era tão viva, que ainda não éra chegado á porta e já o seu Sósia já decepado e desmembrado, com as bombas das suas entranhas fóra e a granada do seu cerebro na algibeira do operador: recolhidos ao asylo inviolavel e trancados por dentro, parecia que todos quantos Satanazes e Belzebuts S. Antonio esconjurára, em quanto vivo, se tinham vindo metter em casa do seu festeiro. Era um esbombardear que tremia o chão e restrugiam os ares: — ¡ Ah! os dois *Affonsos* haviam cessado de ser dois: — só existia o de carne e osso.

Passado o primeiro assombramento dos estafermos do arrayal, haviam todos corrido em chusma contra o raptor de si mesmo, e lhe cercavam a estrepitosa poisada com vociferações ainda mais estrepitosas, pedras, paus e quantos instrumentos improvisa a vingança popular. Era inevitável alguma desgraça, se accudindo ahí um virtuoso Padre *Martins* de grande auctoridade e muito bemquisto na terra, não conseguisse quietar os animos, dispersar a turba e reenvial-a para o arrayal.

Uma hora porém não era passada, quando um magote de rusticos apparece, trasendo em triumpho um boneco de palha e atirando-o ao ar com algazarra; era o terceiro dos *Affonsos* inflammaveis. — O andor, em que o traziam quatro homens, era uma escada de mão: ladeavam-n'o dois ceroferarios com archotes, precedia-o musica, seguia-se-lhe uma chusma de ociosos, vomitando improperios e ameaças de morte: este préstito se dirigiu compacto e unido como um só bebado para a casa do ex-festeiro, já então aterrado de véras, e encommendando-se do fundo da alma ao sancto em cuja honra tanto fogo acabava de deitar na sua cosinha. Trazia esta segunda investida carranca ainda muito peor que a primeira.

Até á meia noite durou o tumulto, as pedradas na porta e nas janellas, as injurias e desafios: queimado emfim o boneco de palha, gritaram, « já está morto: » cantaram-lhe responsos, e, obrigados novamente pelo Padre *Martins*, se retiraram.

No outro dia faltava saber quem havia de pagar ao fogueteiro o seu boneco. *Manuel Affonso* o fez promptamente nas mãos do padre, seu salvador, que na capella da sancto e na presença de todos lhe entregou o valor do seu malogrado parto; dezesseis tostões.

Ha na sina d'este homem *Affonso* o que quer que seja da natureza da phenix: passadas duas horas, depois de pago o primeiro boneco estoirado, e quando já todos tinham passeado por cima das cinzas do segundo, apparece terceiro de papelão no coreto da musica. Ainda d'este se apoderaram os muchachos e tornaram a correr para a porta do *Affonso* racional; mas d'esta vez o padre, já enfadado com a repetição da farça, repreendendo-os asperamente pela pertinacia da crueldade sem sabor, arrancou-lhes das mãos o boneco e o levou para casa, d'onde se presume que já não tornará a ressuscitar.